

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



TORQUATO ALVARES RIBEIRO

COMMENDADOR DE S. GREGORIO MAGNO E FIDALGO DA CASA REAL

(3.º anniversario do seu fallecimento)

SUMMARIO

Texto

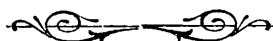
Torquato Alvares Ribeiro.
Chronica quinzenal, por P.
Secção piedosa:—Indicador religioso da quinzena: Evangelho; O mez de maio, por Dona M. M.
Questões actuaes:—O Ensino religioso (conclusão).
Documentos Pontificios:—Carta Encyclica de S. S. Pio X sobre o ensino do cathecismo.
Varia:—Häckel e o P. Hasmann, pelo Dr. S. G.
Secção social-christã:—O pauperismo, por Pius.

Secção poetica:—A oração, por A. Moreira Bello.
Boletim scientifico:—O ar liquido, (conclusão) pelo Dr. ***
Retrospecto da Quinzena.

Gravuras

Torquato Alvares Ribeiro.
A Arrabida.
Mosteiro de Leça do Bailio.
Egreja de S. Gonçalo d'Amarante.

Torquato Alvares Ribeiro



Cumprimos hoje a nossa commemoração annual da data luctuosa do fallecimento de Torquato Alvares Ribeiro.

Já tres annos vão passados que a impiedosa morte ceifara a vida preciosa d'este nosso querido amigo, e ainda hoje, como então, está bem vivida a sua memoria bemdita entre nós.

Torquato Alvares Ribeiro foi um justo que qual astroscintillante perpassou pela terra, deixando após si o sùlco luminoso de todas as virtudes christãs.

Como catholico de firmissimas crenças, tem o seu nome vinculado a toda a expansão catholica, que nos ultimos tempos se vem desenrolando n'esta cidade.

Como cidadão exornavam-o os mais bellos do-tes civicos, que formam o fundo cavalheiresco dos verdadeiros fidalgos, essas ultimas vergonteadas dos antigos portuguezes, que outr'ora sobraçavam n'uma mão a cruz e na outra a espada.

Alma aberta a todos os sentimentos bons, co-ração de oiro do mais puro quilate, o seu nome é um glorioso padrão immorreitoiro e um poderoso exemplo a imitar e seguir.

Eis porque jámais deixaremos de rememorar a lembrança sempre querida de Torquato Alvares Ribeiro.

Eis porque uma vez e sempre relembremos o nome amado do santo morto.

Eis porque constantemente em torno da sua memoria faremos elevar em odoríferas espiraes o suave perfume da prece.

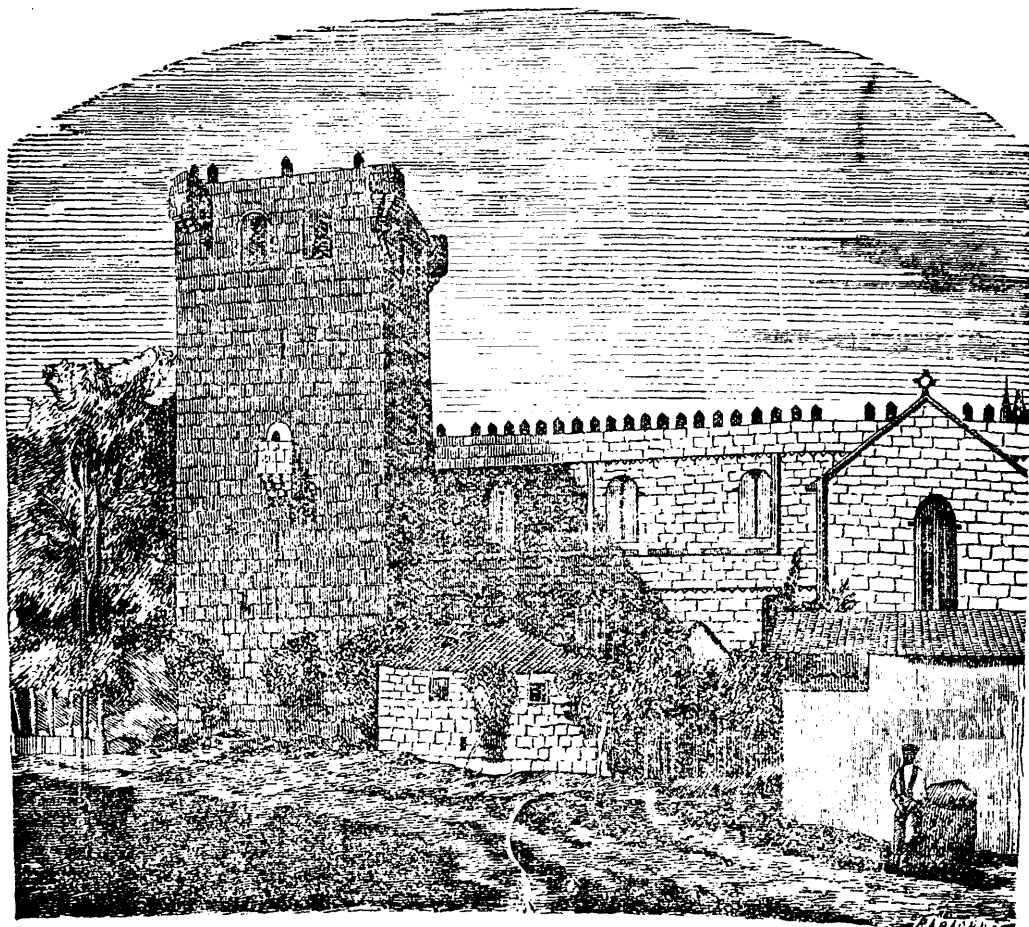
Queremos crer que Deus em sua infinita misericordia tenha já acolhido em seu amoroso seio a alma escolhida de Torquato Alvares Ribeiro.

Queremos crer que quem foi um verdadeiro justo sobre a terra o seja tambem nos céus, tendo já o seu lugar na gloriosa phalange dos santos.

Queremos crer que Torquato Alvares Ribeiro tenha recebido de Deus o maior galardão a que pôde aspirar o misero mortal.

Sendo assim, só nos resta guardar incolume e immaculado o *delicioso pungir* da saudade, e erguer aos céus a nossa singella mas humilde prece, embora d'ella não necessite o nosso morto, porque diz-nos a crença: "é um santo e salutar pensamento orar pelos mortos,,.





MOSTEIRO DE LEÇA DO BAILIO

Chronica Quinzenal

Nas nossas ultimas chronicas haviamos apenas archivado a vinda a Portugal da excelsa soberana ingleza e do imperador allemão. Apoz a partida d'estes regios hospedes d'esta nossa terra portugueza, onde tiveram aqui a mais entusiastica e carinhosa acolhida por parte de toda a nação que os saudou com fremitos calorosos, temos ainda a registar a regia visita da cndessa de Paris a sua augusta filha, a nossa rainha D. Amélia. A real visitante, que viera acompanhada de sua filha, a princeza Luiza, ainda ao presente se acha em Portugal.

Desde a nossa ultima chronica, varios successos dignos de archivo têm perpassado pelo nosso Portugal, sobresabindo notavelmente a celebre negociata dos tabacos, e a famigerada portaria do sr. ministro da justiça a proposito das lamentaveis occorrencias de Bragança.

O ministro Alpoim, o celebre catholico *pelo cerebro e pelo coração* desmascarou-se publicamente, mostrando-se tal qual é: um jacobino encoberto e perigoso.

A sua celebre portaria regalista já teve o devido correctivo, quer com o notavel discurso pronunciado na camara dos deputados pelo energico deputado nacionalista, conego Homem de Gouveia, quer ainda na dos dignos pares, onde foi profundamente escarpelizada pela palavra fluente dos venerandos Arcebispos do Algarve e de Evora, que se revelaram impavidamente uns verdadeiros principes da Egreja.

A suas ex.^{as} rev.^{mas} a nossa profunda admiração.

O ministro sr. Alpoim procurou a todo o transe uma sahida airosa n'esta occasião, e achou-a, pedindo a sua

demissão sob o pretexto de ser contrario á negociata dos tabacos.

E assim pretendeu encobrir a situação má em que o collocou para com o Portugal catholico a sua bem infeliz portaria...

A este proposito não podemos, á hora presente, adiantar mais pormenores. Fal-o hemos no proximo n.º, onde trataremos mais largamente da questão.

Como chronica do estrangeiro ha a archivar que a Hespanha celebrou ha dias o centenario de Cervantes, o immortal auctor do *D. Quixote*. Foi uma solemnisção condigna, pois que Cervantes é a mais lidima e genuina gloria que a nação visinha apresenta á contemplação do mundo.

Portugal tambem a acompanhou na manifestação á sua gloria nacional, com algumas solemnidades adequadas.

Na Russia continua ainda a grande agitação revolucionaria, que com periodos mais ou menos latentes se vem manifestando de ha tempo. Os telegrammas relatam-nos ainda, um dia e outro dia, factos, que bem revelam que o grande colosso moscovita está sobre um vulcão.

Como noticias da guerra russo-japoneza, sabe-se de positivo que a esquadra russa do commando de Rojdestvenky mandada aos mares do oriente, já operou a sua junção com a esquadra de Vladivostek.

A todo o momento se espera a noticia d'uma grande batalha naval, que terá necessariamente grande influencia sobre o decurso da guerra.

Em terra espera-se que para o fim do mez se trave uma grande batalha na Mandchuria.

Eis, pois, em resumo o estado da guerra, d'essa guerra gigante do extremo oriente!

Secção piedosa

Indicador religioso da quinzena

Maio

- 15—Seg. S. Isidoro, lavrador. S. Mancio, M. portuguez.
- 16—Terç. S. João Nepomuceno, M. conego da cathedra de Praga.
- 17—Quart. S. Paschoal Baylão, F.
- 18—Quint. S. Venancio, M.
- 19—Sext. (Abst. de carne) S. Pedro Celestino, P.
- 20—Sab. S. Bernardino de Senna, F.
- 21—Dom. (4.º depois da Paschoa). S. Manços, 1.º bispo de Evora.
- 22—Seg. S. Quiteria, V. M. e suas oito irmãs, portuguezas.
- 23—Terç. S. Basilio, arcebispo de Braga.
- 24—Quart. S. Afra, M.
- 25—Quint. S. Gregorio VII, Papa.
- 26—Sext. (Abst. de carne) S. Philippe Nery, conf., fundador da Congregação do Oratorio.
- 27—Sab. S. Beda, conf. e doutor da Egreja.
- 28—Dom. (5.º depois da Paschoa) S. Germano, B.
- 29—Seg. *Ladainhas* (Abst. de carne). São dispensados os fieis que satisfizerem as condições do indulto. S. Maximo, B.
- 30—Terç. *Ladainhas* (Abst. de carne). As mesmas observações acima. S. Fernando, rei de Castella.
- 31—Quart. *Ladainhas, jejum*. As mesmas observações acima. Vigilia da Ascensão do Senhor. S. Petronilla, V.

Evangelho

(4.ª dõminga depois da Paschoa)

N'aquelle tempo, disse Jesus a seus discipulos: «Eu vou para Aquelle que me enviou, e nenhum de vós me pergunta para onde vou? Antes, porque eu vos disse estas coisas, a tristeza se apoderou do vosso coração. Eu vos digo a verdade: Convém-vos que eu vá, porque se eu não fôr, não virá a vós o Paraclete; mas se eu fôr, enviar-vol-o-hei. E quando elle vier, arguirá o mundo do peccado, da justiça e do juizo. Do peccado, porque não creram em mim; da justiça, porque eu vou para o Pai, e não me vereis mais; e do juizo, porque o principe d'este mundo está julgado.

Eu tenho ainda muitas outras cousas que dizer-vos, mas vós não as podeis comprehender agora. Quando vier, porém, aquelle Espirito da verdade, elle vos ensinará todas as verdades, porque elle não fallará de si mesmo, mas dir-vos-ha o que tiver ouvido, e annunciar-vos-ha as coisas futuras. Elle me glorificará, porque hade receber o que é meu e vol-o ha de annunciar».

S. João, Cap. XVI, 515.

O mez de Maria

Que sublime e encantador quadro me offerece agora o reino vegetal! A alma, ainda a mais refractaria ao sentimentalismo, sente-se como que extasiada e exclama: Como Deus é bom! como Deus é sabio! como Deus é omnipotente! Que venha o sabio com a sua philosophia banal dizer-me: isto que vemos, estas continuas evoluções da natureza, são obra do acaso. Este homem é materialista, é atheu, é impio, é idolatra, é um ignorante, é um espirito obsecado no erro, é um infeliz no tempo e sel-o-ha na eternidade! Mas deixemos os impios na sua obstinação e demos expansão á nossa alma de verdadeiro crente.

O mundo, tal qual Deus o creou, é um vasto jardim; se lhe chamamos valle de lagrimas, lugar de desterro, não

fomos senão nós, nas pessoas de nossos primeiros paes, que lhe gravamos esse triste, mas bem cabido epitaphio. O mundo seria um paraíso como Deus o creou, se d'elle desaparecesse o peccado. Mas, porque tanto brilho, tanta louçania se desfructa desde a mais pequenina flôr, até á arvore mais frondosa? Porque tanta alegria nas avesinhas do espirço, que desde o romper da aurora até á noite levam a desferir hymnos que nos encantam e attrahem? Ao longe ouvem-se alegres e festivos repiques dos campanarios que echoam no meu coração e o fazem palpar de alegria; olho para o calendario e vejo: 1.º de maio. Eu já comprehendo porque a rosa se ostenta tão louçã, as flôres exhalam tão suaves aromas e as aves executam com seus gorgheos, hymnos tão harmoniosos: é porque principia hoje o mez de Maria, e as flôres, as aves e os arvores, querem prestar homenagem á flôr bendita do céu e da terra, á ave formosissima—a Virgem Maria.

E nós, os devotos da Virgem, vamos colher flôres para adornar o seu altar, e ali, todos os dias d'este mez abençoado, façamos o sympathico exercicio do mez de Maria e peguemos á Virgem, toda de graça, carinho e amor, que nos concede as virtudes que as flôres symbolisam—modestia, pureza e humildade. Pegamos á Virgem pela nossa querida patria, outr'ora beijo de tantos heroes; pegamos-lhe pelas nossas familias, pelas almas dos nossos queridos extinctos e pela santa Egreja que se vê tão combatida por ingratos e perversos filhos. Este mez é de graças e bençãos, e por isso não deixemos de recorrer a Maria d'um modo muito particular e com assiduidade, que ella não deixará de attender ás nossas supplicas. Façamos todos os dias das nossas orações um ramo de flôres com que adornemos o altar da Virgem, e ella que é a flôr bendita da caridade fará com que as nossas orações vão em espiral, por entre o incenso e as vozes do órgão sagrado, até ao throno do Altissimo, d'onde nos vem toda a ventura e felicidade por intermedio da nossa querida mãe celeste.

E ao terminar o mez de Maria, que na nossa alma ficou bem viçosas e louças as odoríferas flôres da fé, esperança e caridade, para podermos resistir aos inimigos da alma—mundo, demenio e carne,—e para o anno, se Deus nos conceder lá chegar, fazemos com toda a devoção e fervor o mez de Maria.

Dona M. M



Questões actuaes

O Ensino Religioso

(conclusão)

Nem outra coisa teve Jesus Christo em mira, quando, consummada a Redempção de genero humano, mandou aos Apostolos que fossem prégar o Evangelho a toda a creatura e impoz a todos os homens a obrigação de escutar e crêr o que lhes fôsse ensinado, á qual ligou indispensavelmente o grande negocio da Salvação eterna: «o que crêr e fôr baptisado, será salvo; o que, porém, não crêr será condemnado».

Para se crêr e acreditar na doutrina de Jesus Christo é necessario e indispensavel que ella seja conhecida e sufficientemente comprehendida; é preciso combater a ignorancia e o erro e propôr e ouvir a doutrina revelada, o que sómente se pôde conseguir pela prégação. Para crêr, diz S. Paulo, é preciso ouvir e não se ouve sem haver préga-dores;... a fé é pelo ouvido e o ouvido pela palavra de Deus ¹. Da necessidade da fé deduz-se a necessidade de annunciar a palavra divina.

¹ Rom. X.

Ouçamos o que escreveu Leão XIII: ¹ «se procuram preceitos relativos aos bons costumes e ao modo de viver, os homens apostolicos encontrarão na Biblia grandes e excellentes recursos, prescripções cheias de santidade, exhortações que reúnem suavidade e força, exemplos notaveis de toda a especie de virtudes, aos quaes se reúnem a promessa das recompensas eternas, e a annunciação das penas do outro mundo, promessa e annunciação feitas em nome de Deus, e apoiando-as nas Suas palavras. E' esta virtude privativa e muito notavel das Escripturas, que dá auctoridade ao orador sagrado, que lhe inspira uma liberdade de linguagem toda apostolica, e lhe fornece uma eloquencia vigorosa e convincente.

Procedem, d'um modo incorrecto e imprevidente, os que fallam da religião e enunciam os preceitos divinos sem quasi invocar outra auctoridade que a da sciencia e da sabedoria humana, apoiando-se nos seus proprios argumentos de preferencia aos argumentos divinos. A sua eloquencia, posto que brilhante, é necessariamente languida e fria, pois é privada do fogo da palavra de Deus, e falta-lhe a virtude que brilha n'essa linguagem divina». Vejamos agora o parecer de alguns Doutores da Igreja:

S. Jeronymo mandava a um certo clérigo que lêsse muitas vezes a Sagrada Escriptura e que nunca collocasse de lado o livro santo, porque a linguagem do Padre deve ser apoiada na leitura das Escripturas.

S. Agostinho affirmou que não seria exteriormente um verdadeiro prégador da palavra de Deus, aquelle que a não escutar dentro de si mesmo.

Podiamos, sobre este assumpto, multiplicar as passagens, mas não o fazemos porque queremos appellar para a propria Escriptura, e tome cada um, como ditas a si, as palavras de S. Paulo a Timotheo: «Eu te conjuro diante de Deus e de Jesus Christo, que ha-de julgar os vivos e os mortos na sua vida, e no seu reino, que prégues a palavra, que intes a tempo e fóra de tempo; que reprehendas, regues e admoestes com toda a paciencia e doutrina» ².

Sigam todos os prégadores estas palavras do grande Apostolo, se não quizerem dar rigorosas contas a Deus, pela perda de muitas almas, ás quaes faltaram com o verdadeiro alimento da doutrina. Meditem as palavras terribes que lemos no propheta Ezequiel: ³ «Se dizendo-te eu que digas ao impio: Infallivelmente morrerás, tu não lh'o annunciares e não lhe fallares para que elle se tire do seu caminho impio e viva, morrerá o mesmo impio na sua iniquidade, mas eu requererei da tua mão o seu sangue: se pelo contrario annunciares tu isso ao impio e elle se não converter da sua impiedade e do seu impio caminho, morrerá elle por certo na sua iniquidade, e tu livraete a tua alma».

Passando d'aquelles, que voluntariamente exercem o sublime ministerio da prégacao, aos pastores d'almas, que estão obrigados ao ensino, ainda que não seja pela forma solemne, para estes chamamos tambem toda a sua consideração, a respeito das verdades expostas.

Nas suas homilias e em todas as instrucções que fizerem ao povo, «declarem-lhe, com palavras breves e claras, os vicios de que se devem apartar as virtudes que devem seguir», como determinou o concilio de Trento.

«Apresentem todos e ensinem, com palavras intelligiveis, a doutrina catholica, porque do contrario serão como quem falla ao vento, no dizer de S. Paulo» ⁴. Colloquem de parte as suas invenções e o seu modo de pensar e ensinem o Evangelho.

Não pôde o sacerdote catholico deixar de ter uma predilecção especial pelas creanças, porque do contrario dei-

xaria de imitar o divino Mestre e os varões apostolicos de todos os seculos.

Na verdade lemos na Escriptura, ⁽¹⁾ que um dia Jesus se encontrava no templo e que os meninos, á vista de seus milagres, gritavam e diziam: *Hosanna ao Filho de David*, motivo porque os principes dos sacerdotes se indignaram e lhe disseram: Ouves o que dizem estes? E Jesus lhes respondeu: Sim, nunca lestes que da bocca dos meninos sae o perfeito louvor?

D'esta passagem se deduz o grande amor que Jesus dedicava ás creanças, porque acceita e recebe, com agrado, as suas aclamações, os seus louvores, ao passo que muitas vezes foge, ora para evitar o ser acclamado rei, ora para se esconder aos hosannas e aos vivas das turbas.

N'outra accasião ⁽²⁾ apresentaram a Jesus uns meninos para que os tocasse, conforme o costume que havia entre os judeus de os apresentar aos rabbins para o dito fim.

Por muitas vezes o povo tinha visto que a imposição das mãos tinha curado enfermidades e affastado muitos males e por isso entendia que as mãos e as benções de Jesus seriam remedio para seus filhos e os livrariam do poder do demonio.

Os discipulos, porém, ameaçavam os que apresentavam as creanças, e Jesus vendo isto levou muito a mal e disse lhes: Deixae vir a mim os pequeninos e não os embarceis, porque d'elles é o reino de Deus. Em verdade vos digo: Que todo o que não receber o reino de Deus como pequenino não entrará n'elle. E abraçando-os, e pondo sobre elles as mãos, os abençoava.

N'esta altura não podemos calar o commentario que o veneravel Beda faz a estas ultimas palavras: «Com um abraço abençoou as creanças para mostrar que os humildes de espirito são tambem dignos da sua graça, da sua benção e do seu amor.»

Nem d'outro modo se podia pensar, porque quando os discipulos se approximaram de Jesus e Lhe perguntaram qual era o maior no reino dos céus, Elle chamou um menino, collocando-o no meio d'elles e disse-lhes: Na verdade vos digo, que se vos não converterdes e vos não fizerdes como meninos não haveis de entrar no Reino dos Céus. Todo aquelle que se fizer pequeno, como este menino, tal como este, a mim é que recebe; e o que scandalizar a um d'estes pequeninos, que creem em mim, melhor lhe fôra que se lhe pendurasse uma mó de atafona e que o lançassem no fundo do mar ⁽³⁾.

D'aqui se vê que Jesus Christo tem tanta consideração pelas creanças, vota tanto amor á sua humildade e innocencia que, com razão, quer que todos sejam humildes como as creanças para se tornarem dignos dos seus dons; e, o que mais é, prediz a triste condição de quantos scandalizarem as creanças.

Perante taes exemplos poderá ficar insensivel e indifferente o pastor?

Deixará elle de prestar toda a consideração e todos os cuidados ao ensino das creanças e a toda a sua educação?

Deixará a intelligencia dos meninos na ignorancia das mais rudimentares verdades da religião catholica? Permittirá que o erro venha tomar o lugar que devia ser destinado ás verdades religiosas?

Deixarão os pastores da nossa diocese de imitar os padres e doutores da Igreja que com tanto zelo sempre se devotaram á catechese e á educação das creanças?

Não; porque as palavras de Jesus Christo, o exemplo de tantos varões illustres e as prescripções da Igreja serão ouros tantos motivos do trabalho n'esta tarefa importante.

¹ Enc. de 18 de novembro de 1893.

² II Tim. IV. 1-2.

³ III, 18-19.

⁴ I Cor. XIV, 9.

(1) S. Mat., XXI 13.

(2) S. Marc. X, 13..

(3) S. Mat. XVIII, 1-6.

Documentos Pontificios

Carta Encyclica de Sua Santidade Pio X

PAPA PELA DIVINA PROVIDENCIA

Aos Bispos de todo o universo catholico sobre o ensino da doutrina christã.—Aos Nossos Veneraveis Irmãos, os Patriarchas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros Ordinandos em paz e communhão com a Sé Apostolica.

PIO X, PAPA

Veneraveis Irmãos, saule e benção apostolica

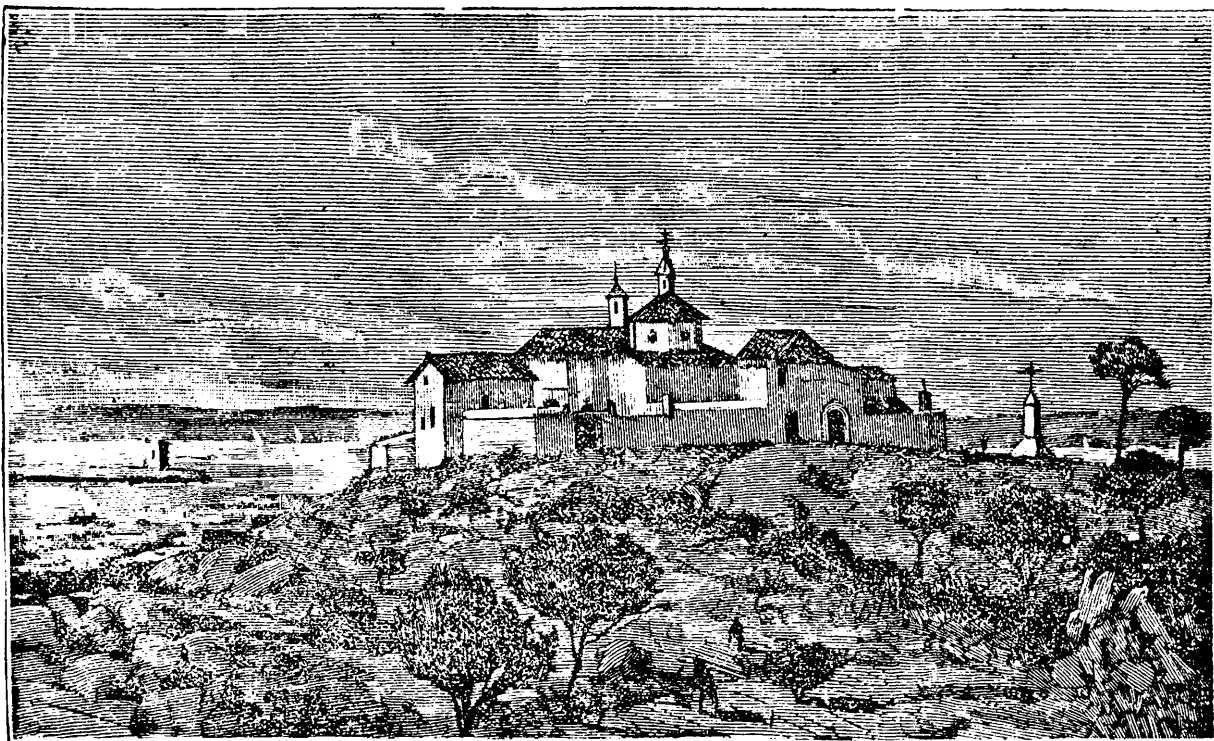
SOBRE A IGNORANCIA

Foi n'um tempo muito cruel e difficil que o secreto designio de Deus elevou a Nossa fraqueza ao cargo de

a terra chorará e todo o homem que a habita será debilitado». (1)

E, em verdade, na nossa época todos se queixam que entre o povo christão tantos homens ignorem profundamente as verdades necessarias á salvação, e estas queixas não são infelizmente illegitimas.

Quando dizemos o povo christão, Nós não falamos sómente do povo ou dos homens das classes inferiores, que frequentes vezes encontram desculpa no facto de que, obedecendo a patrões duros, mal podem pensar em si e nos seus negocios; falamos tambem e principalmente d'aquelles a quem não faltam intelligencia e cultura, que estão bem providos d'erudição profusa, e todavia no que toca a religião vivem da maneira mais temeraria e imprudente.



A ARRABIDA

pastor supremo, para governar todo o rebanho de Christo. Com effeito, o homem inimigo anda ha muito tempo em redor d'este rebanho e prepara-lhe embustes com a mais engenhosa astucia, de maneira que agora mais que nunca parece verificar-se o que dizia o apostolo aos velhos da Egreja de Epheso: «Sei que lobos devoradores entrarão em vossa casa e não pouparão o rebanho». (1)

Quem é zeloso pela gloria divina procura as causas d'esta crise que a religião soffre. Cada um aponta a sua e cada um tambem, a seu modo, emprega meios para defender e restaurar o reino de Deus sobre a terra. Quanto a Nós, Veneraveis Irmãos, sem negarmos as outras causas, unimo-Nos de preferencia ao sentimento d'aquelles que vêem na ignorancia das coisas divinas a causa do enfraquecimento actual e da fraqueza das almas e dos tão graves males que se lhes seguem. Isto harmonisa se plenamente com o que Deus disse pelo propheta Oseas: «E a sciencia de Deus não existe mais sobre a terra. A blasphemia, a mentira, o homicidio, o roubo, o adulterio transbordam e o sangue tceou o sangue. E' por isso que

Difficil é dizer em que espessas trevas estão, por vezes, mergulhados, e—o que é mais triste—n'ellas permanecem tranquillamente envolvidos!

De Deus soberano, auctor e governador de todas as coisas e da sabedoria da fé christã não teem quasi cuidado algum.

Portanto, não conhecem nada nem da incarnação do Verbo de Deus, nem da perfeita restauração do genero humano por elle; não sabem nada da graça, o principal auxilio para attingir os bens eternos, nem do augusto sacrificio, nem dos sacramentos, pelos quaes obtemos e conservamos a graça.

Quanto ao passado, não se faz caso algum da sua malicia nem da sua vergonha; consequentemente, não ha nenhum cuidado de o evitar ou de o abandonar; e chega-se ao ultimo dia em taes disposições que o Padre, para não tirar a esperanza da salvação, deve empregar os instantes supremos a ensinar sumariamente a religião, quando deviam ser consagrados principalmente a provocar actos de amor de Deus; e muitas vezes, o que quasi se tornou

(1) Act. XX, 29.

(1) Os. IV. 1 ss.

uso, está em tal ignorância que julga superfluo o ministerio do Padre e pensa que deve transpôr o terrivel limiar da eternidade com espirito tranquillo, sem ter apasiguado Deus.

Foi por isso que o Nosso prodecessor, Bento XIV, escreveu com razão:

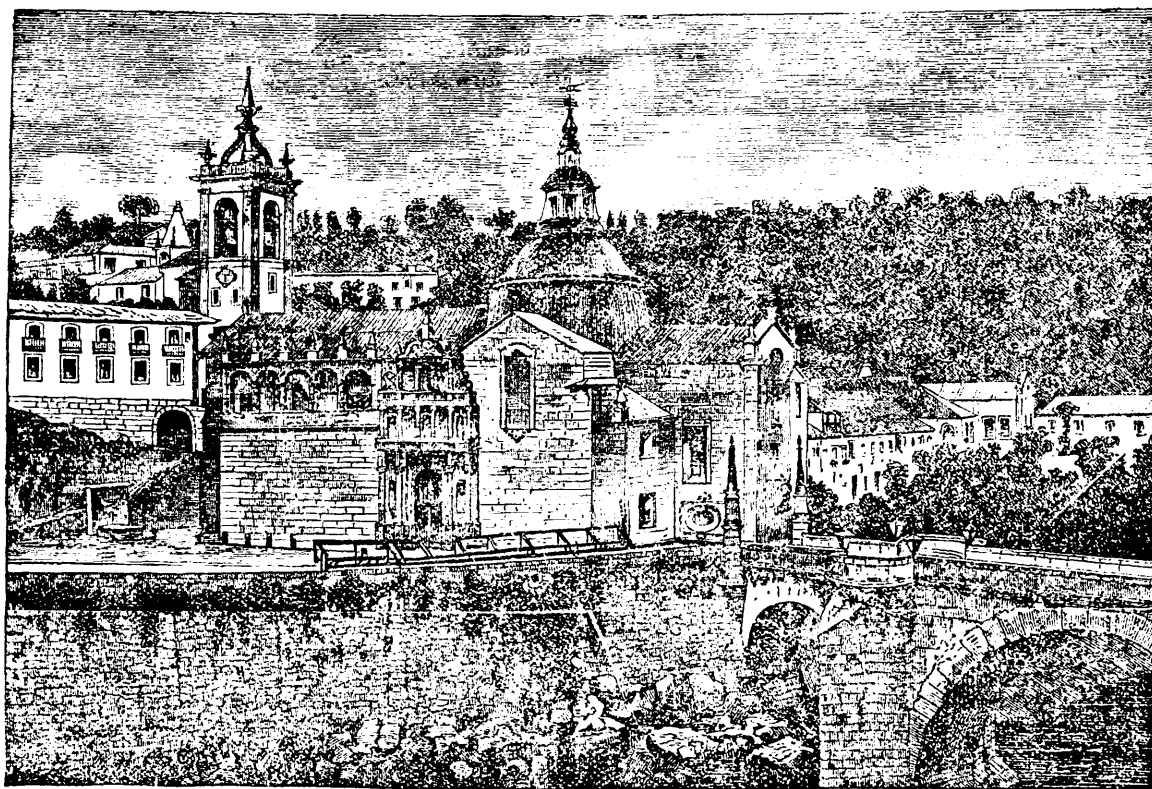
«Nós affirmamos que uma grande parte d'aquelles que estão condemnados aos supplicios eternos soffrem sempre esta desgraça por causa da sua ignorancia dos mysterios da fé, que devem necessariamente saber para serem contados entre os eleitos.»^(*)

(Continua.)

(*) Inst. XXVI, 18.

noticia) a intervenção de Deus na criação da alma do homem. Um jesuita *macaqueiro* seria em verdade uma *avis rarissima*, e bem mereceria de que Häckel o achasse «tão intelligente». Por mim confesso que o caso me intrigou, e que fiquei muito satisfeito quando encontrei noticias mais miudas sobre a conferencia de Häckel e sobre o padre jesuita por elle pôsto em tão má luz na sua conferencia. E tão satisfeito fiquei que venho communicar aos leitores do «Progresso Catholico» aquillo que apurei e que motivou a minha satisfação.

E' certo que em 14 de abril de 1905 o professor Häckel, da universidade de Jena, fez em Berlim uma conferencia (a 1.^a de uma série de 4, pagas a 1000 marcos cada



CONVENTO DE S. GONÇALO EM AMARANTE

Varia

Häckel e o Padre Wasmann S. J.

N'um jornal da provincia, que a tomou de certo d'algum diario da capital, o qual por sua vez a tomou Deus sabe d'onde, lemos a seguinte noticia de sensação:

ADHESÃO AO DARWINISMO

O notabilissimo professor Häckel, de Berlim, annunciou ha dias no decorrer d'uma conferencia scientifica, que um padre jesuita do Grão-ducado de Luxemburgo, chamado Erich Wasmann, lhe participou a sua adhesão ás theorias darwinistas sobre a evolução das especies. No entanto, accrescentou Häckel, Wasmann fez todavia algumas reservas no que respeita á origem do homem, o qual «possue uma alma que recebeu de Deus».

Apesar de semelhante restricção, o celebre professor calcula que esta adhesão ao darwinismo de um padre jesuita, tão intelligente como aquelle, faz prever, dentro de um futuro pouco afastado, um novo compromisso da Igreja com a sciencia, compromisso tão valioso e importante como aquelle que ella contraiu em outros tempos, quando foi forçada a reconhecer como verdadeiras as theorias astronomicas do grande Copernico.

Quem lêsse este *suelto* nos jornaes noticiosos havia de ficar fazendo bem fraco conceito do tal jesuita do Grão ducado do Luxemburgo, que escrevia a Häckel «participando-lhe a sua adhesão ás theorias darwinistas» apenas reservando (coisa que não pareceu correcta, não sabemos bem se a Häckel, se ao redactor ou translator da

uma) sobre a *Evolução do macaco ou criação do homem*, na qual, como era de esperar, o pontifice maximo da *religião monistica* deu como caso assente, apurado, liquidado pela sciencia, que *fóra do monismo não ha salvação*, e que qualquer que não commungue n'essa doutrina não pôde deixar de ser pessoa de inferior mentalidade, indigna da consideração dos super-homens ou dos que aspiram a esta elevada qualificação.

N'essa conferencia, o notavel professor que, á parte as suas locubrações philosophicas, é um distinctissimo naturalista, credor da consideração de todos os estudiosos por serviços prestados á sciencia com trabalhos importantissimos de caracter positivo, disse, em summa, muitas coisas sabidas, e já muitas vezes combatidas com sólidos argumentos por protestantes e catholicos: a conferencia não provocaria rumor se não apparecesse n'ella, como thema de sensação, o asserto de que a Igreja Catholica, representada pelos jesuitas, *os melhores granadeiros da sua guarda pretoriana*, procurava arranjar uma conciliação com as doutrinas darwinisticas, o que deverá n'um futuro, que o vidente vê muito pouco afastado, dar ensejo a que Häckel, o grande propheta da evolução, seja collocado ao lado do conego Copernico, o grande astronomico cujas theorias ao que parece a Igreja se viu forçada a acceitar, n'outro compromisso celebre.

Para prova adduziu o jesuita Wasmann, que apresen-

tou como um evolucionista dos quatro costados, aceitando todo o credo Läckeliano, com a reserva, na verdade lamentavel em pessoa tão intelligente, de reclamar a intervenção de Deus na criação da alma do homem! Lá que o rev. jesuita lhe escrevesse fazendo a sua profissão de fé, sou em crêr que Häckel não disse tal, e que esse episodio, aliás bem achado, é enfeite dos jornalistas thurificantes, encarregados da reportagem das conferencias.

Não, o Padre Wasmann não escreveu a Häkel, a não ser uma carta aberta publicada ha poucos dias na *Germania*, e largamente extractada no *Osservatore Cattolico* de Milão; mas d'essa carta aberta do Padre Wasmann, que tem por objecto rectificar as asserções de que foi objecto na celebrada conferencia, apostamos que não darão noticia os jornaes que tão elacrememente businaram do nosso jesuita, dando-o quasi convertido aos dogmas häckelianos e levando a reboque a Egreja Catholica.

Em verdade Häckel não precisava de nenhuma epistola especial do Padre Wasmann para saber o que este pensava do darwinismo; bastava-lhe ler (e leu decerto, ainda que não com toda a attenção) o notavel livro do dito Padre—*Die Moderne Biologie und die Entwicklungstheorie* (A biologia moderna e a theoria da evolução), publicado em Friburgo, em 1904. ⁽¹⁾

Esse livro comprehende materia mais vasta do que a indicada pelo titulo, visto como a parte em que propriamente estuda a *theoria da evolução*, dizendo com toda a consciencia e severidade scientifica o que está apurado e o que não passa de hypothese, o que é plausivel e o que é inaceitavel, essa parte é precedida de um exame do estado actual dos conhecimentos scientificos em cada um dos diversos ramos da Biologia, exame ou revista que torna o livro duplamente precioso. O Padre Wasmann não é com effeito um *parvenu* scientifico; é um naturalista consummado, com numerosos trabalhos pessoas de muito merito, merecendo menção especial os seus estudos sobre os parasitas das Formigas e das Termitas, e particularmente o estudo do genero *Termitoxenia*, cuja evolução vital apresenta particularidades curiosissimas que o Padre Wasmann tornou conhecidas.

Por certo que a adhesão de um jesuita de tal valor ao credo monistico, ainda mesmo quando a sua adhesão fosse um simples *compromisso* doutrinal, era caso para ser fallado e trombeteado; mas por isso mesmo que se tratava de um jesuita, em que sob a humilde roupeta de Santo Ignacio se obrigava um verdadeiro homem de sciencia, qualquer pessoa de cabeça fria podia *a priori* apostar que no caso havia romance, e se apostasse, acertava.

As ideias do sabio jesuita a respeito do evolucionismo são com effeito genuinamente orthodoxas, ao mesmo tempo que scientificamente solidas; quem fôr evolucionista com o Padre Wasmann póde estar tranquillo, porque se encontrará perfeitamente em regra tanto com a sciencia como com a fé, entre as quaes aliás sabemos que *não póde haver dissensão fundada*.

A prova directa do asserto desenvolvê-la-hei n'outro artigo, em que darei noticia mais circunstanciada das doutrinas defendidas pelo P. Wasmann, em face do seu livro; mas desde já se pode ter a prova indirecta d'elle pelo contexto da propria conferencia de Häckel, que gastou o melhor do seu tempo a descompor e desancar a Egreja Catholica, a sua *bête noire*, em vez de se mostrar amavel com Ella, animando-a a accentuar o tal movimento de approximação ao dogma monistico, que elle Häckel descobria no evolucionismo do Padre Wasmann, ao nome

do qual podia ajuntar, se quizesse, o de outros sabios genuinamente catholicos.

A attitudo do professor de Jena, prova bem que o evolucionismo do padre jesuita não é lá muito... orthodoxo, sob o ponto de vista da irreligião de que Häckel é *summus episcopus*.

Dr. S. G.

Secção Social-christã

O pauperismo

O ministerio das colonias de Inglaterra encarregara a um dos seus funcionarios mais conspícuos, M. Rider Haggard, o estudo das colonias agricolas e industriaes que a sociedade intitulada *Exercito de Salvação* fundara na America para combater a terrivel praga do pauperismo.

Note-se bem que n'esta nossa abominação do pauperismo, não envolvemos nada contra os pobres, a quem todo o christão deve guardar o respeito e tratar com o amor devido a irmãos victimas da desgraça.

A pobreza não é o pauperismo, como a industria não é o industrialismo, nem a liberdade o liberalismo. Se quizessemos achar um concepto generico d'esta differença, diriamos que se acha no abuso egoista digno de toda a reprobvação.

O pauperismo é uma chaga social, porque tira braços ao trabalho honrado e augmenta de um modo notavel o coefficiente de moralidade nos povos que são victimas d'elle. Sempre se teve por aphorismo indubitavel que a ociosidade é a mãe de todos os vicios. E' uma consequencia do regimen individualista, que difficultou enormemente a vida nos campos e os despovoou; desprovido do auxilio das corporações, o camponez deixa se de prompto vencer pela adversidade, e fugindo á fome accorre aos grandes centros, onde já não ha trabalho para todos; e, se o ha, é penoso, duro, servil e mal retribuido.

Nem todos os homens, e muito menos os que carecem de sentimentos religiosos, en'hesouram a virtude necessaria para se sustentarem n'esta lueta encarniçada contra a adversidade; cahem e apoz a queda vem a desmoralisação, a fraude, a arte de enganar e, ás vezes, o delicto e o crime.

A causa principal do pauperismo é, pois, como se tem repetido mil vezes, o excesso de população urbana produzido pelo exodo dos camponezes para as grandes cidades. O remedio ha de estar, portanto, na reintegração aos campos dos elementos que lhes são proprios. Para isso é preciso, em primeiro lugar, tornar possivel a vida rural, fomentando a riqueza do solo, que quando é trabalhado com intelligencia e boa vontade dá para tudo; e em seguida levar para as povoações ruraes, não só os pobres, mas tambem os ricos, para que convivam com aquelles, como seus irmãos que são, e os façam participar das legitimas satisfações que dão a sã cultura, as letras e as artes.

Algo d'isto fez na America do Norte o *Exercito de salvação* por meio de colonias agricolas e industriaes estabelecidas nos campos «para livrar as grandes cidades de muitas pessoas involuntariamente desoccupadas», segundo a expressão do general Booth. Os executores testamentarios do famoso Cecil Rhodes pizeram á disposição do *Colonial Office* uma grande somma destinada a combater o pauperismo, á cuja custa fará a sua viagem e estudos M. Haggard, a quem o *Exercito de Salvação* promettera estabelecer por sua conta, nas colonias inglezas, identicas instituições ás já implantadas nos Estados Unidos.

Meditem n'isto todos quantos em Portugal se dedicam aos estudos sociaes.

Pius,

⁽¹⁾ A optima revista espanhola *Razon y Fé* dá, em os numeros de abril e maio do corrente anno, uma larga noticia d'este livro.

Secção poetica

A Oração

Mãe, que já d'este val' desapareceste
Entre profunda magna e prantos meus,
E espero, pelo muito que soffreste,
Encontrado terás piedade em Deus:

No mundo um filho ingrato não deixaste,
Pois me dóste a existência e muito amor,
E com teus ternos beijos me ensinaste
A salvadora crença no Senhor.

Pobre, legaste-me optimo thesouro,
—O habito precioso da oração:
Mais opulento que diamantes e ouro,
E' fonte de mercês, consolação.

«Pede e receberás»—de excelsos labios
Esta promessa celestial sahiu,
E, embora a negação de ignaros sabios,
Sempre realisada o mundo a viu.

Oh poder santo da oração! E' arma
A que não sabe resistir o Céu;
Pois tanto as iras do Senhor desarma,
Como as graças conquista do amor seu.

Tua promessa em mim vejo cumprida,
Meu Deus, peccador grande como sou:
Que, nas crueis angustias d'esta vida,
Sempre a bondade tua me escudou.

Quando, em horas de amargo desalento,
Me assoberbára o tédio de viver,
Erguendo a ti a voz e o pensamento,
O conforto senti a mim descer.

Quando de entes queridos a existencia
Pela doença ameaçada vi,
Invocando com fé tua clemencia,
Da saúde o favor lhes consegui.

Sempre que, nos momentos de perigo,
Teus celestes auxilios implorei,
Mão compassiva de potente amigo
A salvar-me dos riscos encontrei.

O balsamo suave da esperanza,
Quando oramos, do céu sobre nós cae;
A mente se reanima, e a confiança
Resignação, serenidade attrae.

O tentador, que rabido forceja
Por a alma ao desespero reduzir,
Supplantamos na rigida peleja,
E confuso sentimol-o fugir.

E que consolação também gozamos
Pelos extinctos no piedoso crã!
Que com elles assim communicamos,
Desejos e esperanças a trocar.

De Deus a omnipotencia lhes transmitta
Ternos votos que lhe ergue a nossa voz,
E, de misericordia cheio, admitte
Sua fervente intercessão por nós.

Graças pois, bôa mãe, que gran' nobreza,
De humilde condição, me herdaste a mim:
Poder, do fundo da humanal baixeza,
Com o altissimo Ser tratar assim!

Tu, Pae celeste, até o extremo instante
Faze que ame o thesouro da oração;
Dá que, inda no estertor de agonizante,
Te ore, se não a voz, o coração!

A. MOREIRA BELLO.



Boletim scientifico

O ar liquido

(conclusão)

Tomemos um tubo de cobre fechado na sua extremidade inferior; deitemos n'elle algumas gottas de ar liquido e fechemos a extremidade superior com um tampo de madeira; quasi instantaneamente, o tampo é projectado para além de cem metros. A acção n'esta experiencia foi puramente mechanica.

Se se aproveitar ao mesmo tempo a energia chimica do oxigenio, que entra 21 por cento na composição do ar, o effeito produzido será mais violento ainda. Lancemos no ar liquido algodão embebido em essencia de therebentina; introduzamol-o em um tubo de aço aberto nas duas pontas e colloquemol-o ao fogo: immediatamente o tubo se despedaça e explode. O agente explosivo, assim formado de algodão embebido de essencia e ar liquido, é muito mais formidavel que o proprio algodão polvora. Póde-se pô-lo em paralelo com a dynamite.

Offerece ainda a vantagem de poder ser facilmente transportado. Demais, é necessario o fogo para determinar a explosão, pois não detona pelo choque. Uma simples esponja mergulhada no ar liquido e accesa estoura como uma escorva de espingarda e arde instantaneamente como algodão polvora. Uma mistura de carvão e ar liquido é o mais pratico dos explosivos de que se póle fazer uso nas minas. O ar liquido, evaporando-se muito depressa, não póle conservar-se mais de dez minutos, o que tornará d'ora avante impossivel os rônchos de explosivos, cuja frequencia se torna tão perigosa. Uma mistura de acetyleno e de ozono liquido, obtidos ambos por evaporação de ar liquido, seria, segundo M. d'Arsonval, o mais poderoso dos explosivos.

Eis um outro aspecto das propriedades do ar liquido.

Para liquefazer o ar pozemos em jogo variações de temperatura consideraveis; quando o ar se torna gazoso, porá em jogo as mesmas variações.

Tomemos um pequeno vaso cheio de ar liquido, mergulhemol-o na agua: o ar liquido entra em ebulição, e ao mesmo tempo que os vapores produzidos se derramam em flocos espessos caindo á volta do experimentador, a agua congela-se rapidamente. Se se facha a proveta com uma rolha atravessada por um tubo aberto em ambas as extremidades, vêm-se os vapores de ar escaparem-se como o vapor de agua nos geyzers da Islandia e subirem bem depressa a mais d'um metro, para cahirem em gottinhas frias: é uma chuva de ar.

Colloquemos sobre um pedaço de gelo uma pequena chaleira de metal meio cheia de ar liquido; sendo muito mais frio que o gelo, o ar liquido ao contacto d'este subtrahelhe uma parte do seu calor, toma o estado gazoso, e entra em ebulição. As paredes da chaleira recobrem-

se d'um espesso deposito de orvalho, proveniente da condensação do vapor d'agua. Ainda mais, aqueçamos a chaleira a um bico de gaz; vel-a-hemos ainda cobrir-se d'um deposito de neve que se formará em maior espessura justamente no ponto em que incide a chamma; ah!, effectivamente, sendo a evaporação mais rapida e o frio mais intenso, o vapor d'agua e o acido carbonico, productos da combustão, transformam-se em neve.

Um cigarro acceso é approximado d'um recipiente de ar liquido, o fumo transforma-se de repente em neve. Deixemos pelo contrario cahir no vaso um pedaço de gelo: estando em uma temperatura muito mais elevada que o ar liquido, produz ali o effeito d'uma pedra aquecida ao rubro cahindo na agua; a ebullição accentua-se. Deitemos-lhe agora agua: a ebullição torna-se tumultuosa, o vaso transborda, ao passo que ao cabo d'alguns instantes a agua se transformou de subito em gelo duro, secco, rigido, que queima os dedos quando se lhe toca.

Se se mergulhar a mão no meio d'este liquido a uma temperatura de 101° abaixo de zero, experimenta-se apenas uma leve sensação de frio. E' preciso todavia retirar a mão immediatamente. De resto é a experiencia bem conhecida que todos os dias fazem os operarios fundidores. Mergulham estes as mãos levemente molhadas, no meio do metal em fusão e retiram-na sem lesão. Em ambos os casos a explicação é a mesma. Forma-se á volta da pelle uma delgada camada de vapor, que, durante um momento, a envolve e protege, como o faria uma luva. Acautellemos-nos, pois, de esperar que esta camada de vapor tenha desaparecido. O frio seria então tal, que a mão ficaria como que queimada pelo metal em fusão.

O mercurio congela subitamente, se se lhe derramar sobre a superficie algumas gottas de ar liquido; torna-se duro como o ferro, e a massa assim formada é mesmo assaz resistente para que se possa servir se d'elle como d'um martello.

As temperaturas mais extremas, que tinhamos podido attingir até aqui, não tinham effeito algum sobre o alcool; o ar liquido solidifica-o com a maior facilidade. Nada resiste á sua acção. Congela tambem a carne; um ovo que fique durante alguns minutos no ar liquido torna-se duro como chumbo, sem perder a sua fragilidade; a propria atmospheria, que rodeia o ar liquido, é d'um frio tão intenso, que uma bolha de sabão se transforma em uma esphera de delgado crystal, conservando brilhantes irisações.

O ar liquido que é magnetico e submettido á acção do iman produz ainda outros effeitos notaveis. O aço resfriado pela sua influencia, adquire uma tempera mais forte, tornando-se extremamente quebradiço. Succede o mesmo com o ferro e o estanho. O ouro, a prata, o cobre, o aluminio pelo contrario, nas mesmas condições, ficam inalteraveis. Quanto aos corpos elasticos, como o cautechuc, tornam-se duros e quebradiços á semelhança do vidro.

Certas substancias, como o marfim e as pennas, tornam-se phosphorescentes ao seu contacto. Emfim, sob a acção do frio, a conductibilidade dos metaes augmenta d'um modo consideravel, a ponto que se perguntou se não haveria economia em fazer circular ar liquido na canalisação electrica, de maneira a evitar as perdas de fluido devidas á resistencia dos fios metalicos que servem de conductores.

Vê-se bem qual é a potencia do novo agente que fez ha pouco tempo a sua entrada em scena, e que se revela por tão maravilhosas manifestações. Adivinha-se por conseguinte a que numerosas applicações se poderá prestar esta força, á medida que se souber melhor assenhorear-se e dirigir-lhe os effeitos.

Parece que, desde logo, é como explosivo que será utilizado. Será com elle que se carregarão os obuses e

torpedos. Como origem de frio, o ar liquido é chamado a prestar os maiores serviços; algumas gottas bastarão para impedir de se aquecerem os canhões de tiro rapido e prolongado.

A medicina tem muito a esperar do ar liquido. Mas, por nosso mal, não será ainda elle que nos livrará dos terriveis microbios. As experiencias de M. d'Arsonval não nos deixam a este respeito a minima illusão. Deixaram-se culturas de bacillos seis dias e seis noites no ar liquido: nada soffreram. Sahiram apenas um pouco entorpecidos, mas tomaram dentro em breve a sua actividade malefica. Todavia ha já um ponto essencial para os doentes, e mesmo para as pessoas sadias. Com o ar liquido, torna-se possivel possuir sob um pequeno volume quantidades consideraveis d'um ar são, perfumado, vivificante. Em uma sala de hospital empestada pelos doentes, ponha-se um frasco de ar liquido: immediatamente espalha-se por toda ella uma brisa marinha, virações descidas dos cumes das montanhas, trazendo os aromas da hortelã e da cidra. São os Alpes a domicilio, o Oceano em casa.

Já os escaphandros levam para as profundidades do mar aparelhos que lhes fornecem o ar necessario para as suas explorações. O ar circulará livremente nos barcos submarinos, como nas galerias das minas.

Em metalurgia, sobretudo, os resultados já obtidos são dos mais notaveis. Obtêm-se, graças ao ar liquido, o que não podiam produzir os folles mais potentes.

O ar liquido poderá ser um meio de propulsão d'uma commodidade e força inaudita. Eis uma curiosa experiencia: Introduziu-se um meio litro de ar liquido em uma pequena machina a vapor. Ao cabo de alguns instantes, o pistão funcionou vigorosamente, as rodas giraram, e a machina pôz-se em marcha.

A explicação é das mais simples: O ar liquido, ao contacto da temperatura exterior, entra por si mesmo em ebullição. O vapor que se desprende produz a força motriz.

Poderá o ar liquido tomar parte na solução do problema da navegação aeria? O futuro o dirá. Quando se trata da sciencia, não se pôde prever o que ella progredirá. E' por isso que a cada passo nos faz ella assistir a factos que ha cem annos poderiam julgar-se obra de magia.

Dr. ***



Retrospecto da Quinzena

Mez de Maio! Mez de flores e d'encantos!

E' esta uma das epochas em que os homens mais frequente e intimamente se unem a Deus, por meio do vinculo mais vigoroso, que é Maria.

E' durante este mez que mais se honra e ora a Maria, e que esta celestial protectora se digna derramar sobre os homens os effluvios da graça divina.

Porém, se quizermos analysar de perto a belleza e fórma d'este culto mariano, entremos n'um templo a horas d'oração e vejamos o espectaculo tocante e consolador que se apresenta a nossos olhos: o templo está repleto de christãos que, levados pelo amor que consagram á sua Mãe celeste, se prostram a seus pés, e imploram para toda a humanidade, em geral, e para cada um em particular, as graças temporaes e espirituaes de que se julgam necessitados, fazendo resoar pelas naves do templo os mais empolgantes e melodosos hymnos sahidos da mão do homem, e feitos, não pela experiencia da arte, mas pelo fóco do amor.

E, não só aqui concorrem o amor e piedade dos homens, mas tambem as homenagens da propria natureza.

Para isso, aproximemo-nos do altar da Virgem, e lá veremos a sua imagem rodeada de flores multicores e odoríferas, que perfumam a sua corôa, engrinaldam o seu throno, embelezam o seu altar, e no seu conjuncto praticam o mais edificante e inimitavel acto de amor.

Assim é que a humanidade honra devidamente a sua Mãe Santissima, que lhe foi doada por Jesus no alto do Calvario, e procura o mais poderoso e efficaz meio, para a regeneração da sociedade e consecução do seu fim ultimo; porém, é necessario que este culto seja sincero e amoroso e que todos concorram para a sua prática.

E terminarei estas minhas poucas e desataviadas linhas, por aquella invocação da ladainha: «*Regina sine labe originali concepta, ora pro nobis*». (Nespereira, 28 & 906 J. J. R)

Nos dias 27, 28 e 29 d'abril realison-se em Lisboa a conferencia dos jornalistas catholicos do paiz, que esteve bastante concorrida, pois se fizeram representar quasi todos os jornaes catholicos portuguezes.

A's 8 horas da manhã do dia 27, houve missa, na capella de S. Vicente, pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha.

A' sessão inaugural presidiu o sr. Arcebispo de Mytilene, servindo de secretarios os srs. Zuzarte de Mendonça e Padre Pinto d'Abreu.

Depois de dadas as boas vindas pelo sr. Arcebispo aos jornalistas, falaram diversos conferentes sobre assumptos de interesse geral.

Foi enviado um telegramma a Sua Santidade concebido nos seguintes termos:

«Eminentissimo Cardeal Secretario de Estado.—Vaticano.—Roma.—Os jornalistas catholicos portuguezes reunidos n'um congresso em Lisboa, ao inaugurar os seus trabalhos, protestam incondicionalmente inteira adhesão á Santa Sé e imploram a benção apostolica.—*Arcebispo de Mytilene.*»

No dia seguinte recebeu-se o seguinte telegramma:

«Arcebispo de Mytilene—Lisboa.—O Santo Padre agradece o protesto de adhesão dos jornalistas catholicos e abençoa os conferentes e os seus trabalhos.—*Cardeal Merry del Val.*»

O sr. Arcebispo de Mytilene indicou para presidir ás sessões da conferencia, representando a auctoridade ecclesiastica, os snrs. Conde de Bretiandos, dr. Domingos Pinto Coelho e Manuel Fructuoso da Fonseca.

A's 3 horas da tarde do dia 27 realison-se a primeira sessão particular, presidida pelo sr. Manuel Fructuoso da Fonseca, que representava *A Palavra* e *O Progresso Catholico*, servindo de secretarios os rev.^{os} Padres Nestor Seraphim Gomes e Silva Bruschy.

N'esta sessão discutiu-se e approvou-se a these que versava sobre o pessoal do jornal catholico; modo do seu recrutamento e sua educação profissional.

A's 8 horas realison-se a segunda sessão, sob a presidencia do sr. Manuel Fructuoso da Fonseca.

Foram discutidas as theses: «O jornal catholico nas suas relações com os outros jornaes; com o jornal catholico e com o jornal anti-catholico ou indifferente». «Orientação, criterio e fins a que deve subordinar-se a propaganda catholica pela imprensa e qual a função propria da imprensa catholica».

N'esta sessão discursou brilhantemente o sr. Conego Homem de Gouveia, deputado nacionalista, sobre a defeza dos catholicos contra os insultos dos adversarios.

A' sessão das 3 horas da tarde do dia 28 presidiu o sr. conde de Bretiandos. Poz-se de parte a discussão das theses para entrar em discussão o projecto da Liga da Imprensa Catholica, apresentado pelo sr. Padre Pinto de Abreu. Foi discutido na especialidade, resolvendo-se que

se formasse a Liga em Lisboa e ficassem inscriptos como socios fundadores os membros d'aquelle congresso.

A' sessão das 8 horas da noite presidiu o sr. dr. Pinto Coelho. Foi discutida a seguinte these: «A parte noticiosa do jornal: modo de satisfazer a curiosidade dos leitores e de tornar o noticiario um instrumento de educação christã».

A' sessão das 3 horas do dia 29 presidiu o sr. Manuel Fructuoso da Fonseca. Foi discutida a proposta da constituição d'um tribunal de honra para julgar qualquer jornalista catholico quando prevarique.

Foi tambem discutida uma preposta para que se estude a fundação d'um grande jornal catholico popular em Lisboa, ficando encarregado d'esse estudo os snrs. Padre Nestor Gomes, Padre Pinto Abreu e Manuel Fructuoso da Fonseca.

Resolveu-se que o segundo congresso de jornalistas catholicos se realise no Porto, sendo nomeados para a commissão promotora d'esse congresso os congressistas que residam no Porto.

Foi approvada a these: «Quaes os assumptos que no actual momento devem occupar a attenção de todos os jornalistas catholicos. Campanhas a iniciar em toda a imprensa religiosa do paiz: modo de fazer cada uma d'essas campanhas».

Em seguida approvaram-se, mas sem discussão, na generalidade, as theses: «A obra das conferencias (projectões luminosas) estabelecida em França pela *Bonne Presse*». «A leitura dos maus jornaes. Meios conducentes a evitar que os catholicos leiam, comprem, assignem, ou por qualquer forma favoreçam os jornaes não catholicos». «A parte noticiosa do jornal: modo de satisfazer a curiosidade dos leitores e de tornar o noticiario um instrumento de educação christã».

Foram dados votos de louvor aos snrs. Arcebispo-Bispo da Guarda, Bispo do Funchal e dr. Thiago Sinibaldi, por terem permitido que os seus seminaristas colaborem em revistas, onde se adestram para as luctas da penna. Eguaes votos de louvor foram dados aos Em.^{mo} Cardeal Patriarcha, Arcebispo de Mytilene e presidentes da meza do congresso.

A's 8 horas da noite realison-se a sessão de encerramento, presidindo o sr. Arcebispo de Mytilene. O sr. Manuel Fructuoso da Fonseca foi encarregado de inaugurar a sessão, dando conta ao sr. Arcebispo dos trabalhos realizados nas sessões do congresso.

Falou depois o sr. dr. Abundio da Silva, como promotor do congresso.

Por ultimo falou o sr. Arcebispo de Mytilene, dizendo em resumo que o Em.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha desejava presidir áquella sessão, mas não o pudéra fazer por estar incommodado. S. Ex.^a Rev.^{ma} animou os congressistas em nome do sr. Cardeal Patriarcha e no seu, declarando achar-se satisfeito com as resoluções tomadas e com a boa ordem que sempre reinou nas sessões.

No fim, o sr. Arcebispo lançou a benção a todos em nome do sr. Cardeal Patriarcha.

No domingo, uma commissão de congressistas foi cumprimentar, em nome do congresso, os Em.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha, Nuncio Apostolico e Arcebispo de Mytilene. O sr. Manuel Fructuoso da Fonseca, na qualidade de presidente da ultima reunião, expoz aos venerandos Prelados as resoluções tomadas. A commissão foi acolhida com muita benignidade por todos estes Prelados, que se dignaram de conversar amavelmente com os seus membros, terminando por abençoal-os e aos seus trabalhos.

EXPEDIENTE

Na presente cobrança fôram-nos devolvidos grande numero de recibos.

Pedimos encarecidamente aos nossos estimaveis assignantes em atrazo de mais d'um anno, que não queiram que lhes seja suspensa a remessa do nosso jornal, a fineza de satisfazerem o importe dos seus debitos no mais breve possivel.

A todos os nossos presados assignantes que pontualmente pagaram os seus saques, a esses o nosso indelevel reconhecimento.

ANNUNCIOS

Progresso Catholico

Compram-se colleções completas na administração d'este jornal.

ADOLPHE BAUDON

MEDITAÇÕES

PARA O

Mez do S. Coração

TRADUZIDAS POR

AYRES BORGES

Approvadas e indulgenciadas pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

Preço . . . 200 reis

—=)**(=—

“Meditações para o Mez do Sagrado Coração,,

«Acabam de publicar-se as *Meditações para o Mez do Sagrado Coração*, por Adolpho Baudon, traduzidas pelo snr. dr. Ayres Borges, benemerito presidente do Conselho Central das Conferencias de S. Vicente de Paulo, no Porto.

Adolpho Baudon foi, como se sabe, um dos presidentes geraes da Sociedade de S. Vicente de Paulo, «homem cuja piedade tão encendrada, como diz o illustrado traductor das *Meditações*, só podia ser egualada pela sua superior illustração e pela nobreza do seu nascimento, que o constituiu filho d'uma das mais illustres familias de França».

A sua piedade impelliu-o a escrever as *Meditações*, afim de tornar um pouco mais amada a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, depois de, guiado pelo mesmo impulso, ter escripto preciosas meditações para os mezes de março e de maio, consagrados a S. José e á Santissima Virgem.

Da maneira como se desempenhou do encargo attesta-o a acceitação que este precioso livrinho teve ao publicar-se. O nosso publico póde agora tambem avaliar o que elle vale, porque o snr. dr. Ayres Borges, não menos piedoso nem menos illustrado que o auctor, nos dá uma

traducção primorosa das *Meditações para o Mez do Sagrado Coração*.

Ha, no nosso mercado, outros trabalhos neste genero, devidos a pennas auctorizadas e eruditas; mas ainda não lemos nenhuma meditação para o mez de junho que fossem tão praticas e nos falassem tanto ao coração. O auctor, que era uma alma abrazada em caridade, conseguiu traduzir com a penha o que lhe ia no coração.

Para todos servem estas *Meditações*, porque para o grande publico foram escriptas; mas os conferentes de S. Vicente de Paulo terão muito que aprender nestas paginas e com que se edificar, abrazando mais e mais o seu coração no amor do Coração Santissimo de Jesus e no espirito de caridade, que os deve animar.

E' uma leitura que consola, edifica e robustece a alma.

O nosso venerando Prelado dignou-se não só approvar e recommendar este livro, mas conceder 50 dias d'indulgencias por cada meditação.

E' editor das *Meditações* o snr. José Fructuoso da Fonseca, em cuja typographia o livro foi impresso. A elle devem ser dirigidos os pedidos.

Cada volume, de 155 — LXIV, encadernado, custa 200 reis. E', como se vê, um livro ao alcance de todas as bolsas, baratissimo.

Agradecemos a offerta com que fomos mimoseados.

(Palavra, de 22 d'Abril de 1905).»

JUNHO SANTIFICADO

ou Manual de Meditações e Orações

PARA O MEZ CONSAGRADO AO

Santissimo Coração de Jesus

POR

D. MIGUEL SOTTO MAIOR

Approvado e indulgenciado

Preço enc. . . . 200 reis

Pedidos á casa editora FONSECA—Rua da Picaria, 74—Porto e ás principaes livrarias.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105 — BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,

Industrial de Lisboa de 1888

e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e false; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.